

Alguns dos vocabulários mais usados em psicanálise

O Superego (Supereu)

*Por Eliane Souto de Abreu**

O conceito de superego foi desenvolvido progressivamente na obra de Freud, até que em 1923, em *O Ego e o Id*, ele utiliza o termo (*Über-Ich*) pela primeira vez. Ao traduzi-lo para o Inglês, Strachey optou por usar o latim, chamando-o de Superego (assim como Ego = Eu e Id = Isso). Pode-se expressá-lo na própria língua; em português: Supereu.

O superego é o último a surgir no desenvolvimento do psiquismo. O id existe desde o início da vida. No contato com a realidade externa o id se diferencia em ego e por fim, na resolução do complexo de Édipo surge o superego, terminando a formação do aparelho psíquico.

O superego tem as funções de **(1) auto-observação** (vigilância dos atos e desejos do ego), **(2) representar a lei** introjetada, **(3) julgar e punir** os atos e desejos do ego de acordo com essa lei e **(4) formar ideais** de como o ego deveria ser (o **“ideal do ego”**), em geral ideais que estão muito além das capacidades do ego. Esse conjunto vai influenciar diretamente a moral, a obediência a regras e as noções de “certo e errado” do indivíduo.

Segundo Freud em sua famosa frase, “o superego é o herdeiro do complexo de Édipo”. Ou seja, a criança sente-se ameaçada de castração e/ou perda do amor dos pais se persistir em seus desejos incestuosos. Por isso, renuncia a esses desejos, mas como consequência da identificação e como uma advertência para toda a vida, as figuras parentais são introjetadas e incorporadas na mente infantil, formando o superego.

Freud deixa bem claro que o superego não é a internalização dos pais reais, mas dos superegos deles. Realmente, se o superego correspondesse à imagem direta dos pais, os filhos de casais mais acolhedores, amorosos, pacientes e menos severos teriam sempre superegos menos rígidos e exigentes. Isso não é o que vemos na clínica. Por mais amorosos que sejam, os pais representam, na fantasia da criança pequena e tão dependente, seres muito poderosos, grandes, fontes de proteção, da aprovação intensamente desejada ou de temidas desaprovação, repreensão e frustração (= perda de amor). Essas características são amplificadas dentro da mente infantil, que não tem percepção total da realidade que a cerca.

O superego deriva do id ou do ego? Talvez essa pergunta seja irrelevante, uma vez que o id é o princípio de tudo e há relações com ele, mesmo que indiretamente. Freud diz que o superego é uma diferenciação do ego, que o

superego está mais distante da consciência que o ego e que é apenas através deste que o superego se relaciona com a realidade externa. Mas ele também diz que o superego tem profunda relação com o id, com o qual se funde. Talvez o aspecto sádico, torturador do superego sobre o ego, reflita essa ligação do superego com as forças pulsionais do id. Segundo Melanie Klein, a formação do superego acontece já nos primeiros tempos de vida do bebê. Klein baseou essa ideia na observação de seus pacientes infantis, nos quais, mesmo aos 2 anos de idade, ela pôde perceber um superego tirânico e perseguidor. Talvez o conceito kleiniano aproxime mais o superego do id, num momento da vida em que o ego é tão frágil. Seja em Freud ou em Klein, o superego não é estático, mas passível de modificação, amadurecimento e suavização.

Ainda que o superego possa ter essas características tão aparentemente negativas, é o responsável pelo mecanismo de defesa do ego maduro, protetor e adaptativo mais admirado por Freud: o humor. Esse mecanismo de defesa, “dom raro e precioso”, “libertador e enobrecedor” segundo Freud reflete o fato do superego, como fazem os pais, considerar infantis o ego e seus problemas: ora criança tola, deixe de sofrer por tanta bobagem!

* Eliane Souto de Abreu é psicanalista da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza.